

Lula acha Covas "aliado ideal" na luta por diretas

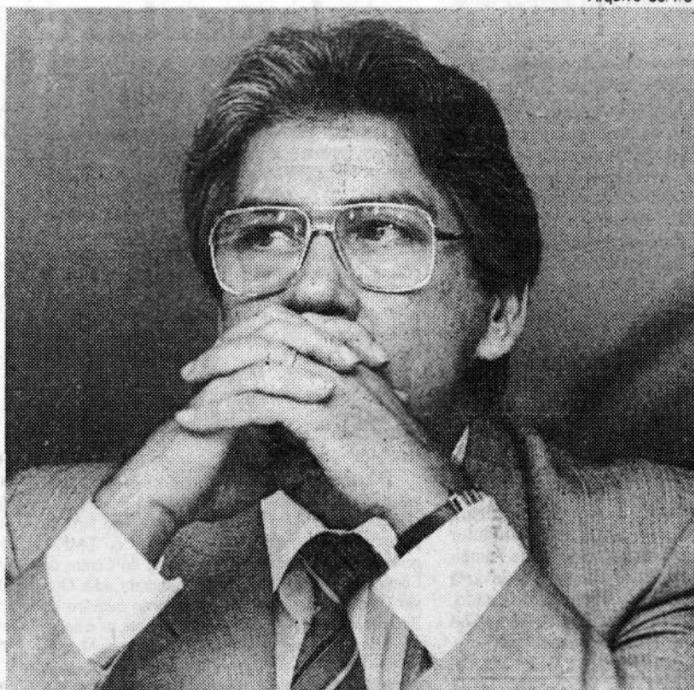
SÃO PAULO — O presidente nacional do PT, deputado Luís Inácio Lula da Silva, ao revelar que tem conversado nos últimos dias com o líder do PMDB na Constituinte, disse que o senador Mário Covas é "o aliado ideal" para a campanha por eleições presidenciais em 1988.

Lula anunciou que o PT decidirá nos próximos dias a data da realização de um comício na rampa do Congresso Nacional, em Brasília, para o qual serão convidados Covas, o ex-governador Leonel Brizola, o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) e o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE).

Sob pressão — Quinta-feira passada Lula almoçou com Covas e o líder do PDT na Constituinte, deputado Brandão Monteiro (RJ). Disse ter advertido o senador de que "não existe outra alternativa para os setores progressistas do PMDB, inclusive para os governadores Pedro Simon, Miguel Arraes e Waldir Pires, senão defender as eleições diretas".

O presidente do PT não revelou a resposta de Covas — "ele tem problemas internos dentro de seu partido, é líder de um PMDB muito heterogêneo" —, mas afirmou que encareceu a necessidade de ele e outros políticos "se decidirem logo, senão o povo passa por cima e aí não feiz mais jeito".

"A classe política brasileira trabalha sob pressão", observou Lula. "Na medida em que os políticos começam a ser cobrados nos pontos



Arquivo 30/1/87

Covas: medo de que PMDB vá para as ruas a reboque

de ônibus, bares, restaurantes, onde quer que apareçam, não tenho dúvidas de que em questão de dias todos os partidos estarão nas ruas pedindo diretas já."

Lula acusou o presidente José Sarney de usar "a metodologia do regime militar, de forma até mais grotesca. Ele não tem poupado ofertas de empregos a deputados para

apoiá-lo e tem megalomanias maiores que as do Médiçi."

"Se Médiçi teve a Transamazônica, Sarney tem a Ferrovia Norte-Sul, a siderúrgica do Maranhão e o trem-bala Rio-São Paulo, que têm como objetivo comprar governadores. O presidente carece de legitimidade, representatividade e idoneidade. Ele é muito pequeno diante dos problemas que nós temos", disse.

Freire defende realismo político na Constituinte

Tânia Fusco

BRASÍLIA — De um lado, "democratas e nacionalistas". Do outro, bem demarcado, "reacionários e entreguistas". Esta é a linha divisória que o deputado Roberto Freire (PCB-PE), ex-MDB e PMDB, provável futuro secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, quer evidenciar no Congresso Nacional, argumentando: "Não podemos dividir a Constituinte na base da esquerda e direita, porque, se fizermos isto, vamos entrar pelo cano".

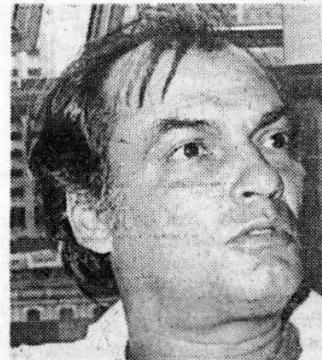
Realista, Freire admite que os trabalhos do primeiro momento da Constituinte, o das subcomissões, foi uma paulada na esquerda que, por ingenuidade, imaginou viabilizar avanços via designação de relatores progressistas e democratas. Mesmo com a imposição das idéias desse grupo na feitura dos anteprojetos, a composição aleatória das subcomissões, onde valeu a preferência pessoal de cada um dos constituintes, possibilitou uma concentração de forças afins, que atropelou, na grande maioria dos casos, o comando mais avançado das subcomissões, montado pelo PMDB, principalmente.

Além do susto e da surpresa, com o que Freire chama de ressurgimento do "entreguismo deslavado", os constituintes foram surpreendidos com "relatórios esquizofrênicos", registrando grandes avanços na área social, por exemplo, e grandes retrocessos na área da organização do Estado e da ordem econômica.

Hegemonia — Na Comissão de Princípios Gerais do Estado houve uma hegemonia absoluta dos setores mais reacionários e até — para espanto geral — dos entreguistas mesmo. Seu Roberto Campos, seu Delfim e seu Afif Domingues comandaram uma rejeição total a um relatório progressista do deputado Virgildásio Sena. No seu lugar aprovaram o que há de mais reacionário hoje — denuncia Freire — citando como exemplo do "entreguismo deslavado", aprovada nessa subcomissão, a disposição de absoluta entrega dos recursos minerais energéticos do Brasil à exploração de qualquer empresa que seja organizada aqui, sem levar em conta a origem e o controle do capital.

— Isso, por exemplo, vai contra até o que eles mesmos vivem defendendo: a livre iniciativa. Se tivermos uma Constituição assim, corremos o risco de perder toda a propriedade privada brasileira, que será atropelada pelas multinacionais — diz, acrescentando que "só um setor estatal forte pode se contrapor ao interesse das multinacionais que hoje, por exemplo, detêm a grande maioria das concessões para exploração e lavra de recursos minerais brasileiros, inclusive os mais preciosos, raros e não permanentes, que se transformam em reservas estratégicas permanentes dessas empresas e, conseqüentemente, de seus países de origem".

Freire quer unir democratas e nacionalistas em uma mobilização que ultrapasse a Constituinte para alcançar a rua, envolvendo até mesmo os militares nacionalistas, que aponta como aliados possíveis até mesmo no corpo-a-corpo desse



Arquivo

Freire quer definição

segundo round na Constituinte. A articulação passa a viabilizar essa frente democrata-nacionalista, germina em reuniões de pequenos grupos de parlamentares do PMDB, PDT, PT e até mesmo do PFL e deságua em vertentes pessoais como a desenvolvida durante o almoço da última quinta-feira entre o relator da Comissão de Ordem Econômica, senador Severo Gomes (PMDB-SP), e o ministro da Aeronáutica, Moreira Lima.

Campanha — Via PCB, PDT e PT a campanha democrata-nacionalista deve, segundo Freire, alcançar breve as ruas, utilizando os movimentos sindicais e grupos organizados da sociedade como canais de denúncia e comunicação. Mesmo defendendo quatro anos de mandato para o presidente Sarney e o parlamentarismo, no entanto, o deputado não quer confundir essa pregação com uma campanha de diretas já nas ruas.

Isso é diversionismo. Não vamos resolver a questão desse país com diretas já, agora. Com ela, entretanto, podemos atrasar o processo de institucionalização democrática e correr o risco de não barrar, na Constituinte e fora dela, a caminhada da extrema direita.

Freire acha que a hora não é de abrir flancos diversionistas. Até para evitar que o governo seja cooptado pela corrente que indica como saída para a crise econômica o processo recessivo. Defende a construção da ferrovia norte-sul, argumentando que com ela talvez o governo estivesse justamente tentando um caminho não recessivo mas de alto investimento para a manutenção do processo de crescimento.

Cartas marcadas — A iniciativa foi pouco analisada dessa forma. A concorrência de cartas marcadas complicou tudo. Hoje não se tem isenção para discutir os objetivos macroeconômicos que podem sustentar um investimento desses — como um todo para a economia, ou indutor de crescimento para uma determinada região — insiste, considerando a proposta de construção da nordeste sul como uma atitude positiva do governo Sarney.

Para ele, um esforço contra a recessão, mesmo que possa acarretar o crescimento do déficit público, é saudável porque a administração do déficit ou do processo inflacionário tem sempre um custo social mais baixo do que o provocado por um processo recessivo.

Plantão recebe poucas emendas

BRASÍLIA — Os funcionários da Câmara e do Senado, escalados para o plantão nas secretarias das oito comissões temáticas da Constituinte, perderam o domingo, pois poucos foram os parlamentares que abandonaram o sol outonal do cerrado para apresentar emendas aos anteprojetos dos relatores. A maioria se apresentou na sexta-feira ou sábado pela manhã, e os retardatários terão até a meia-noite de hoje para entregar suas correções. Até o final da tarde de ontem, já se acumulavam no banco de dados do Prodasen (Processamento de Dados do Senado Federal) mais de 900 emendas, das quais 312 sobre o mandato presidencial e regime de governo.

— Perdi meu domingo à toa. Se soubesse que seria assim tinha ficado em casa. Há três finais de semana que estou "virado" nessa secretaria — reclamava, às 15 horas, o secretário da Comissão da Organização Eleitoral, Stelhel Nogueira da Gama, funcionário há 15 anos do Senado. Dos poucos parlamentares que compareceram ao Congresso no final da semana, o deputado Prisco Viana (PMDB/BA) era o mais aplicado. Relator da Comissão de Organização Eleitoral, ele acompanhou a chegada das emendas através do terminal de computador da secretaria.

Recordista — As comissões da Família, Ordem Econômica, Organização Eleitoral, Organização dos Estados e Sistema Tributário não receberam sequer uma emenda. A Comissão de Ordem Social recebeu três emendas, elevando seu total para 129, todas sobre a questão dos direitos dos trabalhadores. A de Soberania e Direitos do Homem e da Mulher recebeu mais 12, subindo para 87 o número de emendas apresentadas.

A de Organização dos Poderes foi a mais procurada pelos parlamentares. Do total de 312 emendas encaminhadas à secretaria, 32 tinham sido apresentadas ontem e o assunto foi mandato presidencial e sistema de governo. O recordista de emendas é o deputado José Genoíno (PT/SP), que sozinho apresentou nada menos que 11 à Comissão de Soberania.

Cabral aguarda a hora de negociar

BRASÍLIA — Os pontos de negociação em torno da futura Constituição estarão definidos até o dia 15 próximo, quando as oito comissões temáticas da Constituinte encaminharão seus anteprojetos à Comissão de Sistematização. A previsão foi feita ontem pelo relator da Comissão, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM). Segundo ele, o perfil da futura Constituição, e do que será negociado ou não, começará a se definir a partir de hoje, quando se encerra o prazo para que os constituintes apresentem suas emendas às oito comissões.

De trânsito fácil no Palácio do Planalto (é amigo do presidente Sarney, do consultor-geral da República, Saulo Ramos, e do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves), Cabral disse que o comando das negociações deve ficar com o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas. O partido — acentuou — deve estar acima das divergências e Ulysses e Covas devem atuar juntos.

Ulysses não consegue isolar o líder

Arquivo — 22.2.87

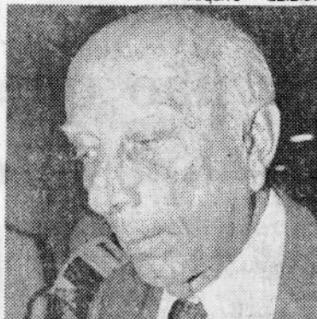
Estratégia para recuperar comando não deu em nada

Tadeu Afonso

BRASÍLIA — Depois de ter tentado, na quinta-feira da semana passada, retomar o comando do partido e das negociações em torno da nova Constituição, ao reunir em sua residência os coordenadores das bancadas do partido, o presidente nacional do PMDB e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, acabou voltando atrás, forçado pela má repercussão de sua manobra para isolar o líder Mário Covas.

No começo da noite de sábado, em conversa na sua residência oficial com o deputado Euclides Scalco (PR), Ulysses disse que sempre apoiou a estratégia do líder do PMDB na Constituinte. Negou que tivesse tentado atropelar Covas, na definição, prevista para esta semana, dos pontos da nova Constituição que o PMDB vai considerar inegociáveis.

Advertência — Scalco afirmou que a reunião de quinta-feira pas-



Ulysses Guimarães

sada "não foi uma idéia feliz", acrescentando que "a unidade do partido não se constrói conversando apenas com um lado." Advertiu ainda que o isolamento de Covas porá em risco a coesão partidária.

Ulysses respondeu que queria conversar com Covas ainda hoje, e a reação foi imediata: o senador antecipou para as 22h30min de ontem seu regresso a Brasília. O presidente do PMDB declarou a Scalco que as negociações dentro do PMDB para inclusão dos pontos programáticos na nova Constituição é questão urgente.

Segundo pemedebistas ligados a Covas, foi uma conversa franca. Ulysses disse a Scalco que a reunião de quinta-feira não tinha como objetivo discutir o mandato presidencial, mas apenas os pontos do programa que deveriam ser negociados. Alegou que foi o coordenador da bancada do Ceará, e um dos líderes do grupo Centro Democrático, deputado Expedito Machado, quem provocou a discussão em torno do mandato de Sarney.

O senador José Richa (PMDB-PR), um dos maiores aliados de Covas dentro do PMDB, concordou que a reunião de quinta-feira foi "uma escorregadela do Ulysses". Para assessores de Richa, a conversa de sábado com Scalco representou um recuo do presidente nacional do PMDB em sua ofensiva contra o líder na Constituinte.

Richa informou que Covas e seus aliados deverão ter hoje, em Brasília, uma reunião preparatória do encontro com Ulysses. Na opinião do senador paranaense, o acordo entre Ulysses e Covas será garantia de uma Constituição moderna e avançada. Richa explicou que Ulysses poderá trabalhar o centro do PMDB, ficando para Covas a tarefa de fechar os acordos com a esquerda do partido.

Senador quer manter a data da convenção

SÃO PAULO — O líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, criticou o presidente nacional do partido, deputado Ulysses Guimarães, que pretende adiar a convenção dos dias 13 e 14, convocada para discutir a duração do mandato do presidente José Sarney.

"É importante discutir a questão do mandato, independentemente da aprovação de quatro ou cinco anos. A pior coisa que existe para o PMDB é não discutir as coisas, não decidir, porque isso passa para o povo a impressão de que o partido está desunido ou a reboque de outras forças", disse Covas.

Ironizando o fato de não ter sido convidado para a reunião que Ulysses promoveu quinta-feira passada, em Brasília, com os coordenadores de bancada do PMDB, declarou: "Eu também faço muitas reuniões para as quais o Ulysses não é convidado e também não comparece."

Covas afirmou que não renunciará à liderança na Constituinte, mesmo que seja derrotado na proposta de quatro anos de mandato para Sarney. "Não vejo incompatibilidade entre uma eventual derrota e o exercício da liderança."